

# EDITORIAL

## ÉTICA NA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS, A CIÊNCIA E O CONHECIMENTO CIENTÍFICO - I

A ciência é parte integrante da rica herança cultural da humanidade, estabelecendo-se como um dos parâmetros básicos e determinantes para as atividades do homem, ampliando e possibilitando suas formas de expressão e organização, sua sobrevivência, longevidade e suas interações com o meio ambiente. Na contemporaneidade, a ciência, ao buscar novos conhecimentos depara-se com uma exigência única que é a consideração a respeito das questões éticas que envolvem a pesquisa com seres humanos. E a ética, na pesquisa, passa a ser o legado que os contemporâneos deixam às novas gerações de pesquisadores e estudiosos do conhecimento. A ciência, o conhecimento científico e a ética na pesquisa são, assim, entidades que se complementam devendo ser estudadas em suas especificidades, para que haja uma compreensão que leve a uma aplicação produtiva do seu legado, para o desenvolvimento social da humanidade.

A ciência se expressa em conformidade com as necessidades básicas do homem e das sociedades sendo a definidora das interações humanas e das organizações sociais imprimindo ritmos, que em qualquer área serão determinantes para a produção do conhecimento, a ela vinculados. Na sua expressão e manifestação à ciência utiliza-se de estruturas que determinam tipos diferenciados de saberes. Tais saberes se articulam e se entrelaçam e são definidos sempre e de forma temporária, pelo seu estatuto. O estatuto da ciência se materializa e se estrutura nas filosofias, nas epistemologias e nos fundamentos. Construções que dão forma ao ato de conhecer e definem os tipos de percepções que o homem, em várias épocas, apresenta ou apresentará sobre a ciência e o seu produto. Tais formas de perceber, por sua vez, serão determinantes para os “fazer” do homem possibilitando avanços e/ou retrocessos nas suas interações, entendendo por avanços os benefícios sociais, decorrentes da sua produção e por retrocessos às expressões de descasos com todos os seres vivos e com o ecossistema, de forma geral.

### A CIÊNCIA E O CONHECIMENTO CIENTÍFICO

A ciência se define, dinamicamente, na sua dimensão teórico-metodológica pela diversidade do seu objeto construindo-se e reconstruindo-se em vários saberes, de forma lenta, em alguns momentos/áreas e absurdamente urgente em outros momentos/áreas. E, em todos os momentos, o homem aparecerá como móvel único e necessário, idealizador e mantenedor desta construção coletiva (a ciência) e que se estabelece pelo exercício das potencialidades inerentes à raça humana determinada unicamente pela sua inteligência. Assim, os vários saberes se sistematizam e se organizam pela movimentação da inteligência humana estabelecidas em todas as épocas da nossa história sendo alavancada, em momentos diversos, por interesses particulares, de grupos ou de nações, por indução à força, em determinadas tentativas, mas estabelecendo-se sempre pelo primado da razão, que leva indistintamente ao avanço nas relações humanas. Os ganhos que a ciência e o conhecimento científico geram para a humanidade são notáveis, estando visíveis no conjunto de tecnologias, geradoras de bem estar aos seres viventes do planeta.

A ciência deve ser entendida, desta forma, como uma construção integrada ao dia-a-dia das pessoas. E se materializa na interação entre as ações e as práticas do comum da humanidade mescladas às teorias que perpassam o ambiente intelectual de cada época. Ou seja, o conhecimento científico nasce das ações diárias emitidas pelas pessoas comuns, que aos olhos dos estudiosos transformam-se em possibilidades infinitas de entendimento sobre estas ações e as explicações delas decorrentes, tornando visíveis seus resultados pela coerência das formulações lingüísticas e estabelecendo-se definitivamente pela lógica dos seus enunciados. Esta prática é determinada e em sua dimensão mais complexa, como uma construção do espírito humano, exigindo a aplicação dos atributos do homem e exclusivamente a inteligência, na sua construção. A ciência é desta forma e na perspectiva de D'Oliveira (1984) um empreendimento humano complexo que o homem a empreende por seus atributos e por sua dimensão intelectual. Ela é fruto das interações, constantes e perenes, entre as ações humanas e o esforço da pesquisa em entendê-las oferecendo significados a tais ações.

Chalmers (1994) ao analisar o estatuto da ciência chama a atenção para a diversidade presente na “fabricação” do conhecimento científico e sobre a necessidade de integrar a ciência e o conhecimento científico ao dia-a-dia do homem procurando identificar os vários discursos sociais como definidores e direcionadores do conhecimento. Assim os vários discursos, presentes na prática social se entrelaçam na construção do conhecimento científico dando-lhe forma e caráter e estabelecendo as novas descobertas, isto fazendo cada vez mais sob o patrocínio da ética. Devendo ser considerado, neste mister, que todo este processo e as interligações entre corpus de teorias e ações práticas, na construção dos saberes, envolvem aspectos ideológicos e de formação cultural. A partir daí torna imperioso dar atenção à dimensão social da ciência deixando evidente e claro os processos implicados na construção dos conhecimentos e as decorrências deles para a sociedade geral, para grupos, comunidades e pessoas, em particular. É a partir da idéia de integração de áreas e de pessoas que o conhecimento se fará mais visível e na sua dimensão mais crítica e social, levando ao discernimento de que as ações científicas poderão gerar benefícios sociais, mas também, na percepção de Chalmers (1994), poderão ser desumanizadoras, com tratamento insatisfatório aos povos, as sociedades e natureza, entronizando a idéia arbitrária sobre sua supremacia, sua neutralidade, isenção de valores e pela atribuição de um alto apreço

pelas tecnologias dela decorrentes, e de uso regular pela humanidade. Fatores estes que poderão levar a destruição e ameaça de eliminação do nosso meio ambiente, até!, caso não se leve em conta as questões éticas presentes na sua prática.

## A ÉTICA NA PESQUISA ENVOLVENDO SERES HUMANOS

Permeando o processo crítico, inerente ao desenvolvimento da ciência, e a partir da necessidade de se considerar o benefício social resultantes da pesquisa científica, para aqueles que estarão expostos à aplicação do conhecimento usufruindo dos seus benefícios nos níveis mais abrangentes, discute-se hoje à questão da conduta ética na pesquisa envolvendo os seres humanos.

A ética na pesquisa nasce, então, de uma necessidade social estabelecida, sempre contemporaneamente, pela idéia de que é a sociedade organizada que deverá exercer o controle sobre a produção do conhecimento. Isto fazendo, por meio da avaliação ética dos procedimentos propostos para a busca do dado e que deverão evidenciar o cuidado a serem tomados com o sujeito da pesquisa, beneficiário potencial dos seus resultados. A avaliação ética representa desta forma, a garantia de proteção ao sujeito e o respeito a sua autodeterminação onde este passa a ser um coadjuvante do processo, com poder de decisão determinando, assim, sua participação na pesquisa, com autonomia. O pesquisador, por sua vez, deverá assumir a responsabilidade pelo indivíduo submetido à sua intervenção, oferecendo-lhe garantias de bem estar, enquanto durar a pesquisa. E, oferecendo-lhe a possibilidade de retirar seu consentimento a qualquer momento, caso decida, além de fornecer assistência irrestrita às necessidades do sujeito/usuário considerando sempre a sua participação, consentida e esclarecida.

A ética se estrutura, então, sobre princípios norteadores e que direcionam a conduta do pesquisador. Tais princípios se identificam com a noção de autonomia, de beneficência e de justiça e, apresentam caráter universalizante não se restringindo a uma área do conhecimento específica e tampouco a uma profissão, mas a todas as pesquisas que envolvam seres humanos, independente da área em que ela ocorra ou do desenho do método sugerido. O princípio de autonomia prevê a conduta respeitosa frente à autodeterminação das pessoas, a não restrição a sua liberdade, as suas convicções e aos seus julgamentos próprios, onde o sujeito da pesquisa deverá ser consultado, ouvido tendo respeitada a sua decisão de participar ou não da pesquisa. O princípio da beneficência é inerente à ética estando contida na base do compromisso milenar da medicina, exposta por Hipócrates “ajudar e não produzir danos”. E, estando representado pela noção atual da não-maleficência, que segundo Vieira e Hossne (1998) é uma idéia simplista frente à pesquisa médica moderna. Para os autores a idéia de beneficência na pesquisa científica deve significar a “obrigação de garantir o bem-estar do indivíduo” sujeito da pesquisa. A beneficência e a não-maleficência geram a idéia do equilíbrio necessário na distribuição de danos possíveis para o sujeito da pesquisa indicando o referencial da justiça. A carência de equilíbrio, quando determinado grupo de sujeitos são expostos a procedimentos e arcam com prejuízos enquanto outros auferem vantagens, fere o princípio da justiça. Para os autores o princípio da autonomia tem relação direta com o usuário da pesquisa, pacientes ou sujeitos, a beneficência apresenta relação com a conduta profissional do pesquisador, médico ou não e a noção de justiça tem seus referentes na sociedade como um todo, estabelecida pela idéia do controle social sobre a produção do conhecimento.

Este conjunto de preceitos privilegia uma pesquisa mais ética e trás, na atualidade, a exigência da criação de Comitês de Ética. Os Comitês, por sua vez, composto por um colegiado multidisciplinar e multiprofissional, apresentam o compromisso de discutir de forma aberta os conflitos existentes nas propostas de pesquisa. Apresentando, seus membros, capacidade de contrapor os possíveis riscos de um delineamento, com os seus benefícios também possíveis expressando, cada um deles suas idéias de forma livre e independente da influência do patrocinador da pesquisa, no intuito de dirimir, os conflitos de interesse e proteger os usuários da pesquisa, nos seus direitos elementares. A este respeito Vieira e Hossne (1998, p. 34) chamam a atenção para o fato de “onde existir um indivíduo sem condições de reagir -por ignorância, pobreza absoluta, incapacidade mental ou por estar preso- haverá a possibilidade de o pesquisador conduzir um experimento guiado apenas pela sua própria consciência”, podendo ser gerado possibilidades de abuso. Neste momento o papel da sociedade organizada passa a ser fundamental, pois atribui-se a ela o compromisso de estabelecer parâmetros sob os quais o experimento, ou o delineamento de pesquisa, deverá ocorrer, isto fazendo por meio da atuação dos Comitês de Ética em pesquisa envolvendo seres humanos.

## REFERÊNCIAS

- CHALMERS, Alan. A fabricação da ciência. São Paulo, SP: Unesp, 1994.  
D'OLIVEIRA, Maria Martha Hubner. Ciência e pesquisa em psicologia: uma introdução. São Paulo, SP: Epu, 1984.  
VIEIRA, Sonia; HOSSNE, William Saad. Pesquisa médica: a ética e a metodologia. São Paulo, SP: Pioneira, 1998.

**Prof. Hugo Pires Jr.**  
Presidente do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do CESUMAR